



## A FICÇÃO DAS RELAÇÕES DE OPOSITIVIDADE ENTRE AS UNIDADES LEXICAIS NOVO E VELHO: UMA ANÁLISE SEMÂNTICA-ENUNCIATIVA<sup>1</sup>

Isael da Silva SOUSA (UNEMAT)<sup>2</sup>

Maria Auxiliadora Ferreira LIMA (UFPI)<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo insere-se no quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli (1990, 1999a, 1999b), mais especificamente, em uma linha de investigação construtivista desenvolvida por Franckel, Paillard e Vogué (2011). Temos como objetivo geral demonstrar que não existe uma opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*. A constituição do corpus se deu com as ocorrências de *novo* coletadas do meio eletrônico denominado Corpus do Português. Temos com suporte teórico- metodológico a TOPE, por essa razão nossa metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, ou seja, a prática de elaboração de glosas. Os resultados evidenciam que não há uma opositividade fixa entre *novo* e *velho*. Quando constatamos a ocorrência de uma relação de oposição verificamos que o que se opõem não é uma unidade em relação à outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades, mas os valores construídos e estabilizados temporariamente podem favorecer a construção de uma relação de oposição.

**Palavras – chave:** TOPE. Novo. Velho. Relações de Opositividade. Construção de sentidos.

**Abstract:** This article is part of Antoine Culioli's Theory of Predicative and Enunciative Operations – (TOPE) (1990, 1999a, 1999b), more specifically a constructivist research line developed by Franckel, Paillard and Vogué (2011). We have as a main objective to demonstrate there is no fixed opposition between lexical units “novo” and “velho”. The *corpus* was constituted by the occurrences of the item “novo” collected from the electronic medium “*Corpus do Português*”. We hold TOPE as a theoretical and methodological support, for this reason our methodology of analysis is based on manipulating and reshaping utterances, *i.e.*, the practice of writing glosses. The results show that there is no fixed opposition between “novo” and “velho”. When we observe the occurrence of an oppositional relationship we find that they do not oppose a unit in relation to the other, *id est*, “novo” and “velho” do not oppose as units, but the constructed and stabilized values can temporarily favor the construction of an opposition.

**Keywords:** TOPE. Novo. Velho. Oppositional Relations. Construction of senses

### 1. Introdução

<sup>1</sup> Este artigo é proveniente da pesquisa, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que realizamos durante o Mestrado Acadêmico em Letras, no programa de Pós- Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), biênio 2017-2019.

<sup>2</sup> Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL-UNEMAT). Mestre em Letras, com área de concentração em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL – UFPI). Membro do Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE). Teresina – PI, Brasil. E-mail: isaelsousah@gmail.com

<sup>3</sup> Pós-Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN – UFMG). Professora da Coordenação de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (CVL– PPGEL –UFPI). Coordenadora do Grupo de Estudos da Teoria das Operações Enunciativas (GETOE). Teresina – PI, Brasil. E-mail: dora.fl@uol.com.br.



De acordo com Palmer (1976), em uma discussão sobre as palavras como unidade semântica, o significado não depende propriamente da palavra, entretanto, das relações que estabelecem uma com as outras. Ora, se o significado não depende necessariamente da palavra podemos falar de uma relação de oposição fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*? Tanto Palmer (1976) quanto Lyons (1977) afirmam que o conceito de sentido está relacionado com a distinção estabelecida entre o próprio sentido e referência. Partindo do pressuposto que a referência consiste em um fenômeno que depende do enunciado e suas relações com o extralinguístico, isto é, se o sentido é construído com base na referência que é exterior a língua seria possível ainda falar em relações de opositividade fixa entre *novo* e *velho*? E, se considerarmos as unidades lexicais *novo* e *velho* fazendo parte de um processo de construção de sentidos que depende da interação estabelecida uma com outras unidades no enunciado, ainda seria possível falar de relação de opositividade fixa?

Fundamentados na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) temos como objetivo, neste artigo, demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*. Partimos da hipótese de que toda e qualquer relação de opositividade entre as unidades lexicais *novo* e *velho* é construída localmente no enunciado, pois defendemos que as unidades lexicais são entidades que não possuem sentido pré-estabelecido, que lhe seja próprio, mas sim um potencial enunciativo que, em uma dinâmica de interação, estabilizam temporariamente um determinado sentido, ou seja, refutamos a posição de que uma unidade possua sentido estável, que lhe é próprio, independente do enunciado. Advogamos que a construção de sentido resulta de uma dinâmica de interação que implica o cotexto e o contexto.

De acordo com Franckel (2011), o cotexto diz respeito a uma palavra ou uma sequência de palavras que age diretamente sobre o sentido da unidade lexical em pauta. Existe uma relação de dependência entre a unidade lexical e o ambiente de sua ocorrência no enunciado, dessa forma, o cotexto em que se insere uma dada unidade encaminha à variação de sentidos. E o contexto consiste em uma espécie de filtros convocados pela própria unidade, gerado pelo próprio enunciado, isto é, não constitui um conjunto de dados externos a uma sequência.

No que se refere à organização deste artigo, em um primeiro momento, apresentamos, de maneira sucinta, alguns aspectos teóricos que sustentam nossas análises; posteriormente os procedimentos metodológicos que estruturam nossa pesquisa, evidenciando a delimitação do corpus e o roteiro das análises; em seguida, demonstramos nosso movimento



de análise, bem como uma síntese geral dos resultados; e, por último, tecemos algumas considerações conclusivas.

## 2. A ficção das relações de opositividade: do sentido pronto para a construção de sentidos

Conforme afirma Vilela (1994), em uma perspectiva estruturalista, as relações de opositividade ou contraste são vistas como inerentes a língua, isto é, constituem um traço essencial das línguas conhecidas e podem ser definidas com bastante exatidão. Para Lyons (1977), o termo técnico para a opositividade entre lexemas é a antonímia. Assim, *novo* e *velho*, por essa perspectiva, têm em comum o fato de dependerem da dicotomização. Lyons (1977) explica que existem diferentes modos de relações de contraste e, por essa razão, faz uma distinção entre os tipos. Existem os contrastes binários ou dicotômicos e os contrastes não binários. De um lado, os contrastes binários são divididos em antonímia, complementaridade, reciprocidade e oposição direcional, e os contrastes não binários, de outro lado, são divididos em conjuntos ordenados e conjuntos ordenados ciclicamente. A antonímia ainda pode ser compreendida por:

Designar uma relação de contrário aplicável apenas ao domínio lexical e definida por oposição à relação, mais antiga, de sinonímia. É, por sinal, esse último termo que serviu de padrão para formar, em meados do século XIX, a classificação técnica de antonímia. Dessa forma, dizer que largo é o contrário de estreito vem do conhecimento de que há entre esses dois vocábulos uma relação derivada da noção comum, amplamente intuitiva e vaga, de contrário. Declarar largo e estreito antônimos, por sua vez, é estabelecer entre esses dois termos uma relação expressamente de ordem lexical (TAMBA-MECZ, 2006, p. 119).

Além de ser definida como uma relação de contrário de ordem lexical, a antonímia é caracterizada por Tamba-Mecz (2006, p. 120), através de quatro tipos regulares de funcionamento, são eles: (1) Associação entre unidades lexicais sem relação entre si, por exemplo, longo/curto; (2) Associação de uma forma lexical e sua própria negação, por exemplo, essencial/não essencial; (3) Associação de uma forma simples à mesma forma prefixada, por exemplo, possível/impossível; (4) Associação de formas compostas que



apresentam uma parte semelhante e outra parte diferente, por exemplo, pró/antiamericano, americano-filo/fibo.

Cançado (2013 apud HURFORD e HEASLEY 1983) concorda que definir a antonímia somente como uma oposição de sentido não é suficiente e elenca três tipos de relações de oposição ou antonímia. A primeira é a antonímia binária, que consiste em pares de palavras que quando uma é aplicada a outra não pode ser aplicada, por exemplo, morto/vivo, móvel/imóvel e igual/diferente; o segundo tipo é denominado inverso, que consiste na descrição de uma relação entre dois objetos ou pessoas por uma palavra e uma outra palavra faz o mesmo processo de descrição em uma ordem inversa, por exemplo, pai/filho e menor que/ maior que; e, por último, o terceiro tipo é conhecido como gradativo. Para serem consideradas antônimas duas palavras precisam estar em pontos terminais de uma escala contínua de valores, onde a negação de um termo não implica a afirmação do outro, por exemplo, quente/frio e alto /baixo.

É válido destacar que Lyons (1977) faz uma relevante observação ao frisar que para Trier<sup>4</sup> o contrário se encontra de alguma maneira presente na mente do enunciador e do co-enunciador durante o ato da enunciação. Lyons não se posiciona acerca disso, mas afirma que é uma questão psicológica e mais relevante para uma construção do comportamento linguístico do que para a análise do sistema linguístico. Se partimos do ponto de vista culioliano e considerarmos a enunciação um conjunto de mecanismos de linguagem implicados na construção do processo de significação e o enunciado como um produto em construção, essa ideia de oposividade fixa não se sustenta, pois para Culioli (1990), constitui-se uma ilusão pensar em oposição termo a termo.

Levando em consideração a afirmação de Trier e baseado na TOPE e nas concepções de enunciação e enunciado apresentadas anteriormente podemos dizer que o contrário pode estar, não na mente do enunciador ou co-enunciador, mas na enunciação, o que queremos dizer como isso? Queremos dizer que uma relação de oposição pode ser construída através dos valores estabilizados localmente no enunciado e nunca termo a termo de maneira fixa.

Para TOPE as unidades lexicais são entidades que não possuem sentido pré-estabelecido, que lhe seja próprio, mas sim um potencial enunciativo que em uma dinâmica de interação estabilizam temporariamente um determinado sentido, ou seja:

O sentido das unidades constrói-se no e pelo enunciado, ao mesmo tempo em que eles determinam o sentido desses enunciados. Não há

---

<sup>4</sup> Jost Trier foi um linguista germânico alemão que postulou a ideia de Campo semântico.



sentido próprio e sentido derivado por metáfora: o valor bruto da unidade é sempre um valor abstrato, uma épura, não uma designação, é um potencial e não um conteúdo (FRANCKEL, 2011, p. 23).

Posto isso, é válido reafirmar que refutamos a posição de que uma unidade possua sentido estável, que lhe é próprio, independente do enunciado. Defendemos que o sentido de uma unidade não é estabelecido por si só, contudo alicerçado nas relações que ela mantém com os demais termos que a rodeiam no enunciado, isto é, no ambiente textual em que se encontra inserida.

Como afirma Romero (2000, p. 68), “as estabilizações são produtos dos enunciados, e não uma relação a priori fixada”. As unidades lexicais remetem diretamente a noções que são, para Culioli (1990), um feixe de propriedades físicas culturais. Não são fixadas, são virtuais. Por essa razão, sempre é possível a atribuição de uma nova propriedade.

### 3. Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, buscamos mostrar que aspectos distanciam ou aproximam as unidades lexicais *novo* e *velho* da construção de uma relação de opositividade. Como já afirmamos, pelo viés teórico da TOPE, os sentidos são construídos através dos enunciados em uma dinâmica de interação considerando que “a unidade lexical é compreendida como parte de um esquema de regulação dos modos como os enunciados se constituem e significam” (ROMERO e TRAUZZOLA, 2014, p. 241).

Para a dissertação, foram coletadas 100 ocorrências da unidade lexical *novo* do *Corpus do Português*<sup>5</sup>. Depois de um processo de seleção entre os enunciados coletados, analisamos 18 enunciados com ocorrências desta unidade lexical. Para este artigo, selecionamos e analisamos 6 enunciados. No decorrer das análises, fizemos um procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em todos os enunciados o que deu origem a outros 6 enunciados, totalizando 12 enunciados analisados.

Identificamos, no decorrer do artigo, os 6 enunciados com ocorrência da unidade lexical *novo* da seguinte maneira: utilizamos a letra E, em maiúsculo, como abreviação da palavra ‘enunciado’ seguido de uma sequência de números entre 01 e 06, por exemplo, E01, E02. Por sua vez, os outros 6 enunciados com ocorrência da unidade lexical *velho*, resultantes

---

<sup>5</sup> <http://www.corpusdoportugues.org/>



do procedimento de substituição, estão identificados em relação ao seu enunciado de origem, por exemplo, de E01 temos E01.1, de E02 temos E02.1, e assim por diante.

Os 12 (doze) enunciados foram distribuídos em três grupos de análises, são eles:

Grupo 01 - *Novo* indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo;

Grupo 02 - *Novo* indicando a introdução de um elemento gerando ruptura;

Grupo 03 - *Novo* situando um elemento em um espaço temporal.

Analisamos os enunciados, dentro de cada grupo, um a um, observando o funcionamento das unidades lexicais *novo* e *velho*. Para tanto, realizamos glosas. Na visão de Culioli (1990), realizar uma glosa significa operar fora das nossas intenções subjetivas e verificar o processo de construção de sentidos desencadeados pelo próprio enunciado. Vejamos as análises na seção a seguir.

#### 4. Análises

Iniciamos nossas análises com os enunciados do grupo 01, vejamos:

##### **Grupo 01 – *Novo* indicando a introdução de um elemento como valor de acréscimo**

Vejamos o primeiro enunciado:

**E01** Não te quero mais, já tenho um *novo* amor, você eu esqueci, porque meu *novo* amor me ensinou que posso ser feliz.

Em *E01*, a unidade lexical *novo* indica a introdução de um outro amor (já tenho um outro amor), qualificando amor como outro. A unidade *já* concede força para a estabilização do valor de um outro amor acrescido a X, ressaltando uma ruptura com amor anterior. A relação entre X e R (amor anterior) deixa de existir dando lugar a relação entre X e Y (*novo* amor), dessa maneira, marcando uma descontinuidade na passagem de Y para R. É perceptível a preponderância, em *E01*, do aspecto qualitativo.

Vejamos agora o processo de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em *E01.1*:



**E01.1** Não te quero mais, já tenho um *velho* amor, você eu esqueci, porque meu *velho* amor me ensinou que posso ser feliz.

Nesse enunciado, a alternância entre as unidades lexicais *novo* e *velho* não é possível. Isso ocorre por causa do cotexto, isto é, o cotexto, através da marca *mais*, bloqueia o funcionamento da unidade lexical *velho* contrapondo-se com a ocorrência da unidade lexical *novo*. É possível termos um enunciado como - Não te quero, já tenho um *velho* amor- mas não é aceitável o enunciado - *Não te quero mais, já tenho um velho amor* - a unidade lexical *velho*, no primeiro caso, marcaria a existência de um amor já consolidado, antigo. O intensificador *mais* bloqueia a unidade lexical *velho* e, dessa forma, não há entre *novo* e *velho*, nesses enunciados, a construção de uma relação de oposição.

Passemos ao próximo enunciado:

**E02** Encontrei um *novo* amigo

A unidade lexical *novo* indica o acréscimo de mais um amigo, recém-introduzido. Observe que a Y é atribuído à propriedade de <ser amigo> e, a partir da atribuição dessa propriedade, é introduzido ao ciclo de amizade de X. Veja que o valor construído em - *Encontrei um amigo* é diferente de *Encontrei um novo amigo*, no primeiro, a ausência da unidade lexical *novo* evidencia uma relação de amizade já existente, consolidada e, no segundo, *novo* desencadeia, junto a amigo, um valor de acréscimo. Em uma linha de abstração, podemos dizer que Y é o elemento mais recente acrescentado ao ciclo de amizade de X, passando de <não amigo> a <amigo> fazendo parte do total de amigos, o que evidencia a preponderância do aspecto quantitativo.

Passemos ao próximo enunciado:

**E02.1** Encontrei um *velho* amigo.

Em *E02.1*, a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* é possível sem nenhum alto custo enunciativo. O sentido construído em *E02* estabelece uma relação de oposição com *E02.1*. Em *E02*, *novo* evoca uma amizade recente além do acréscimo de mais um amigo, enquanto que em *E02.1*, *velho* marca a existência de um amigo antigo, ressaltando a duração de uma amizade já existente. Perceba que em enunciados com a unidade lexical *velho* posposta ao nome (N) o valor construído é alterado como, por exemplo,



em - *João é meu amigo velho*- Nesse caso, a unidade lexical *velho* qualifica João enquanto um amigo estimado, querido por X. A posposição abre espaço para a construção de um valor distinto de *velho* amigo, prevalecendo o aspecto qualitativo.

Passemos ao segundo grupo:

### **Grupo 02 – Novo indicando a introdução de um elemento gerando ruptura**

**E03** Vamos nos jogar, porque carnaval é festa!! Aí em baixo pra curtirem o que promete ser um *novo* hit do momento, quem sabe não se torna um grito de carnaval??

Em *E03*, a unidade lexical *novo* marca o <lançamento> de uma música X, evidenciado a predominância do aspecto qualitativo. No entanto, o verbo *prometer* não garante a existência de X enquanto <hit>. Temos uma música X como <hit não existente> e música Y como <hit existente>. Dessa forma, X se tornado um hit será introduzido como o elemento mais recente em uma sequência de hits já existentes. É válido ressaltar que a possibilidade de X <ser hit> não anula Y de também <ser hit>, o que pode acontecer é X ocupar um espaço-temporal (a unidade lexical *momento* indica um tempo presente que perpassa a situação de enunciação), dentro de uma sequência de hits, na frente de Y, ou seja, em um movimento de um hit precedente para um hit que o sucede e continuarem coexistindo enquanto hit.

Vejam os a seguir o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

**E03.1** Vamos nos jogar, porque carnaval é festa!! Aí em baixo pra curtirem o que promete ser um *velho* hit do momento, quem sabe não se torna um grito de carnaval?

*E03.1*, é possível realizarmos a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* apesar de um alto custo enunciativo resultante, sobretudo, da interação, no cotexto, com as unidades lexicais *prometer* e *momento*. Nesse enunciado a unidade lexical *velho* marca a existência de hit, dessa maneira, percebe-se que há um hit consolidado, com sentido estabilizado diferente de *E03*, onde a existência de X enquanto <hit> precisa estar garantida e o verbo *prometer* não garante a sua existência. O que nos leva a afirmar que dentro desse cotexto não é possível a construção de uma relação de oposição. Podemos



destacar a sequência *velho hit* e verificar que em - *O velho hit de Xuxa* - a unidade lexical *velho* também não é vedada. *Velho* marca um hit existente. Temos marcado o valor de anterioridade. Se pensarmos em - *O novo hit de Xuxa* - a unidade lexical *novo* indica a introdução de algo, o lançamento de uma música X, *novo* aqui é possível alternar com *velho* possibilitando a construção de uma relação de oposição local.

Passemos para o próximo enunciado:

**E04** O iPhone 5 S, *novo* top de linha da Apple, foi anunciado em setembro e deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano.

A unidade lexical *novo* marca a introdução do Iphone 5S como o elemento mais recente em uma sequência de telefones celulares fabricados pela Apple, prevalecendo o aspecto qualitativo. A sua existência enquanto <top de linha da Apple> implica ao Iphone 4 a propriedade <não top de linha da Apple>. Ou seja a passagem do Iphone 4 para o Iphone 5S envolve uma descontinuidade. Ao ser introduzido, como o mais recente dentro de uma sequência, ele veda o iPhone 4 e todos os outros modelos fabricados anteriormente de ser <top de linha>. Assim como *novo* amor em *E01*, aqui também constatamos uma ruptura.

Passemos ao procedimento de substituição:

**E04.1** O iPhone 5 S, *velho* top de linha da Apple, foi anunciado em setembro e deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano.

Nesse enunciado não é possível a substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*. O contexto bloqueia o uso da unidade lexical *velho*, o que pode ser evidenciado por meio da sequência *foi anunciado em setembro*. Podemos pensar em *E04.1* sem a sequência anteriormente destacada, vejamos: *O iPhone 5 S, velho top de linha da Apple deve desembarcar no Brasil apenas no fim deste ano*; Veja que é possível o uso de *velho* e, nesse caso, a unidade lexical *velho* marca a anterioridade do iPhone 5S enquanto <top de linha da Apple>. Toda a sequência *foi anunciado em setembro* bloqueia o funcionamento da unidade lexical *velho*, *foi anunciado* evoca o sentido de trazido a público. Assim dizer que *o velho top de linha Apple foi anunciado em setembro* produz um alto custo enunciativo. Desde modo, também não é possível a construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho* nesses enunciados.



Vejamos agora o terceiro grupo

### Grupo 03 – Novo situando um elemento em um espaço temporal

**E05** Esse livro é o mais *novo* dessa loja, vou comprar

Nesse exemplo, a unidade lexical *novo* pode, de um lado, em uma dada situação contextual, marcar o estado de conservação de um livro X e, de outro lado, em uma outra situação contextual, marcar um livro X como o mais recente em uma livraria, um lançamento. Considerando a primeira perspectiva, *novo* marca o estado de conservação de um livro X em relação aos demais livros de uma mesma loja, atribuindo-lhe a propriedade de <ser conservado>. Partindo da segunda perspectiva, *novo* marca um livro X como o último lançamento em uma dada loja.

Observemos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho*:

**E05.1** Esse livro é o mais *velho* dessa loja, vou comprar

A unidade lexical *velho* evoca o sentido de antigo em termos de tempo de existência de edição em relação aos demais livros de uma dada loja. Pode também evocar o sentido de desgaste, mas o enunciado traz um custo enunciativo em razão do que está colocado à direita – vou comprar. Não se espera que alguém queira comprar o livro mais desgastado da loja. De um lado, considerando o valor estabilizado de estado de conservação de X, as unidades lexicais *novo* e *velho* em *E05* e *E05.1* constroem localmente uma relação de oposição. Assim como, se considerarmos o valor construído em *E05* de <lançamento>, <de edição recente> e de <antigo> em *E05.1*, em termos de edição, é possível a construção de uma relação de oposição entre *novo* e *velho*.

Vejamos o próximo enunciado:

**E06** Os donos de brechó têm um cuidado para selecionar as melhores peças, que passam por uma curadoria e até parecem *novas*, por isso são mais caras que roupas de bazar, mas ainda assim são peças mais baratas que de lojas convencionais.



A unidade lexical *novo* marca o efeito visual provocado por X (peças). Em *E06*, *peças* não possui a propriedade de <serem novas> e tão pouco a propriedade de <serem desgastadas>. Temos, na verdade, *peças* na interseção entre essas duas propriedades, isso pode ser comprovado pela sequência *selecionar as melhores peças* e pelo verbo *parecer*.

Observemos o procedimento de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* em *E06.1*:

**E06.1** Os donos de brechó têm um cuidado para selecionar as melhores peças, que passam por uma curadoria e até parecem *velhas*, por isso são mais caras que roupas de bazar, mas ainda assim são peças mais baratas que de lojas convencionais

Nesse enunciado, o uso da unidade lexical *velho* é vedado pelo cotexto. A interação entre as unidades e o modo como elas funcionam no enunciado fazem com que *velho* seja inibido de funcionar. Podemos comprovar isso destacando a sequência *selecionar as melhores peças* e *até parecem*. Em outro cotexto *melhores* e *velho* poderiam funcionar, mas aqui *melhores* indica a propriedade de <não desgastadas> ou <pouco tempo de uso>. O contexto de *E06.1* impede o funcionamento da unidade lexical *velho* em substituição a unidade lexical *novo*, bem como a construção de uma relação de opositividade.

#### 4.1 Síntese das Análises

Pudemos perceber, através dos enunciados analisados neste capítulo, que falar de uma relação de oposição fixa entre os valores das unidades lexicais *novo* e *velho* não é possível por duas razões, primeiro, em função do cotexto que, em alguns casos, bloqueia o funcionamento da unidade lexical *velho* em substituição a unidade lexical *novo* e, segundo, em virtude dos sentidos construídos de *novo* e *velho* não se encontrarem em uma linha de oposição.

Outro aspecto a considerar é que quando a unidade lexical *novo* introduz um elemento indicando a sua existência recente, a unidade lexical *velho* se contrapõe indicando a sua estabilidade em um espaço temporal, ou seja, X ocupando uma posição de anterioridade em um espaço temporal delimitado.

Destacamos a seguir alguns aspectos observados em cada grupo de análise:



**Grupo (01) – Novo indicando a introdução de um elemento com valor de acréscimo:**

- *Novo* marcando uma relação de integração. Quando introduzido, um elemento X passar a fazer parte de um total em um conjunto dado; temos assim desencadeado a ideia de um conjunto de amigos, por exemplo;
- *Velho*, quando não vedado pelo contexto, delimita o espaço temporal ocupado por um elemento X já existente e o valor de acréscimo desencadeado pela unidade lexical *novo* é desconfigurado;
- *Novo* indicando o surgimento de um elemento X acrescido a Y que para ter sua existência garantida rompe com o seu elemento precedente.

**Grupo (02) – Novo indicando a introdução de um elemento gerando ruptura:**

- *Novo* marcando elementos que não admitem uma relação de integração. Isto é, um elemento X quando introduzido em uma sequência R provoca uma ruptura com o elemento precedente Y;
- *Novo* marcado a introdução de um elemento X que coexiste com o elemento precedente Y em uma sequência R. X e Y coexistem em R ocupando espaços temporais distintos;
- *Velho* é vedado pelo contexto dos enunciados que não admitem uma relação de integração.

**Grupo (03) – Novo situando um elemento em um espaço temporal:**

- *Novo* marcado um estado de conservação de X em comparação a Y;

Logo, em conformidade com nossa hipótese, constatamos que não há uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, o que se opõe, na verdade, não é uma unidade em relação a outra unidade, isto é, *novo* e *velho* não se opõem enquanto unidades, mas os valores construídos e estabilizados temporariamente dentro de um contexto dado podem favorecer a construção de uma relação de oposição. Isso reforça a tese construção de sentidos apresentada nos trabalhos de Culioli (1990, 1999a, 1999b) e outros pesquisadores dessa linha de investigação como Franckel (2011), a qual advoga que uma unidade não possui



um valor em si mesma, mais um potencial significativo que só é estabilizado quando posto em uma dinâmica de interação com outras unidades em um enunciado.

## 5. Considerações finais

Chegamos as considerações finais deste artigo que objetivou demonstrar que não existe uma relação de opositividade fixa entre as unidades lexicais *novo* e *velho*, ancorados em uma perspectiva teórica construtivista, a TOPE de Antoine Culioli.

Em relação aos enunciados analisados, observamos, em uma linha de abstração, que a unidade lexical *novo* remete preponderantemente a uma temporalidade que se apresenta sob aspectos distintos, podendo marcar introdução de um elemento em uma situação dada indicando um tempo de existência recente que pode estar vinculado a um acréscimo ou não. Salientamos que também o elemento introduzido pela unidade lexical *novo* pode integrar-se a um conjunto, ou romper com o conjunto.

Os fatores que aproximam e distanciam as unidades lexicais *novo* e *velho* de uma relação de opositividade consiste no próprio cotexto. Como foi possível verificar por intermédio das análises, em alguns situações o cotexto veda o processo de substituição da unidade lexical *novo* pela unidade lexical *velho* e, em outras, mesmo sendo possível a substituição os valores construídos não se encontravam em uma linha de oposição impossibilitando a construção de uma relação de opositividade entre *novo* e *velho*.

## 6. Referências

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. v. 1.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. v. 2.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. v. 3.

FRANCKEL, J-J. Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 103-130.



FRANCKEL, J-J. Referência, referenciação e valores referenciais. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. P. 31-55.

FRANCKEL, J-J.; PAILLARD, Denis. Aspecto da teoria de Antoine Culioli. In: VOGUÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011. p. 87-101.

LYONS, J. **Semântica - I**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

PALMER, F. R. **A Semântica**. Lisboa: Edições 70, 1976.

ROMERO, M; TRAUZZOLA, V. S. L Identidade lexical, funcionamento enunciativo e variação semântica para a Teoria das Operações Enunciativas. **Calidoscópico**, v.12, n. 2, p. 239- 248, mai / ago 2014.